

## A CATEGORIA *SULANQUEIRO* SOB O ENFOQUE DA SOCIOLOGIA DAS PROFISSÕES

Annahid Burnett

Leonardo de Araújo e Mota

*Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)*

[aburnett8@hotmail.com](mailto:aburnett8@hotmail.com)

[la-mota@uol.com.br](mailto:la-mota@uol.com.br)

### Resumo

A Sociologia das Profissões é uma abordagem teórica ainda pouco utilizada no Brasil na pesquisa de relações sociais no mundo do trabalho, mas que permite uma análise e classificação das profissões tradicionais e surgimento de outras novas profissões. O objetivo deste artigo é de assinalar a emergência inédita dos trabalhadores ligados à feira da *sulanca*, uma invenção agrestina, até então sem precedentes. Como metodologia, utilizamos uma revisão histórica da literatura neste âmbito de pesquisa, considerando principalmente a obra de Andrew Abbott e material empírico colhido através da metodologia da história oral de vida dos agentes sociais que participaram da gênese e desenvolvimento desta inusitada atividade. Concluiu-se que a emergência da categoria profissional dos *sulanqueiros* foi uma “invenção” dos agentes sociais do Agreste porque não teve precedentes em termos de organização e normas profissionais codificadas e pré-estabelecidas, por conseguinte, resultam em uma contribuição original à sociologia da construção dos grupos profissionais.

**Palavras-chave:** Sociologia das Profissões. Desenvolvimento Regional. Divisão do Trabalho. História Social. *Sulanqueiros*.

### INTRODUÇÃO

O trabalho é uma atividade central nas vidas da maioria das pessoas. Os empregos que as pessoas têm e o trabalho que elas fazem dão um sentido de identidade, uma maneira de organização do cotidiano, uma conexão com uma rede social, uma razão para sair de casa, uma oportunidade par

usar e desenvolver suas competências, e, naturalmente uma renda estável. Por ser parte integral de nossas vidas, tendemos a ter um olhar individualista da atividade que praticamos. Depende de nós nos preparar para um emprego ou ocupação, nos apresentar para futuros empregadores, desempenhar as tarefas demandadas com a melhor de nossas habilidades depois de sermos contratados e sermos premiados com base nas nossas realizações.

Contudo, sem negligenciar a importância de nossos esforços, temos que reconhecer que o trabalho é uma atividade altamente social. O sucesso ou o fracasso no trabalho reflete o desempenho individual, mas também é influenciado pelo desempenho dos nossos colegas. A interação formal e informal que se desenvolve no local de trabalho deriva em uma série de competências, valores e atitudes que influenciam fortemente em como o trabalho é feito. Numa escala mais ampla, a maneira como uma sociedade é estruturada vai determinar o tipo de trabalho que é feito, quem o faz e como é feito. Em resumo, muitos aspectos da vida no trabalho são desenhados pela estrutura da sociedade – sua composição etária; racial; étnica, de gênero e divisão de classes; e sua distribuição de poder e autoridade (VOLTI, 2008).

As ocupações e empregos desempenhados, a vida no trabalho em geral também são crucialmente afetados pelo grau de desenvolvimento tecnológico de uma dada sociedade. Neste sentido, a estrutura social também é altamente relevante porque a tecnologia não é algo externo de uma sociedade, mas criada e modulada de maneiras que refletem os arranjos sociais. Tecnologias individuais não são simplesmente ferramentas neutras e técnicas; elas refletem, reforçam ou desafiam divisões de classes sociais, papéis de gênero e relações de poder. Em nenhum lugar isto é mais notório do que no local de trabalho (VOLTI, 2008).

Apesar de as profissões terem origens medievais e em alguns casos origens na antiguidade, a primeira tentativa sistemática de estudá-las surgiu no século vinte. Em parte refletiu a emergência das ciências sociais, mas refletiu fundamentalmente uma grande mudança nas próprias profissões. As profissões como conhecemos atualmente tiveram seu desenvolvimento no século dezenove. Elas foram organizadas de maneira acadêmica e, dessa forma, particularmente anacrônica (ABBOT, 1988).

O objetivo deste artigo é de assinalar, de registrar o surgimento e desenvolvimento das atividades ligadas à feira da *Sulanca*, surgida no semiárido da região do Agreste nordestino no segundo pós-guerra, durante as árduas secas dos anos de 1950, na época do *desenvolvimentismo*, da expansão da indústria no Sudeste do Brasil, e, conseqüentemente do êxodo rural da região agrestina em direção

às oportunidades de trabalho principalmente em São Paulo. A produção de *sulanca* foi uma “invenção” destes agentes sociais como uma forma de garantir a sua “reprodução social”, nos termos de Marx (1950). Os trabalhadores pioneiros ligados à esta atividade foram denominados de *sulanqueiros*. Esta atividade se expandiu e estabeleceu esta categoria profissional originária e exclusiva desta região.

## **A EVOLUÇÃO HISTÓRICA DA ABORDAGEM TEÓRICA DA SOCIOLOGIA DAS PROFISSÕES**

A primeira tentativa de análise das profissões, intitulada *The Professions*, foi publicada pelos britânicos Carr-Saunders & Wilson, em 1934. A obra tratou da origem histórica de cada grupo que podia ser considerado profissão na Inglaterra. A discussão teórica destes autores sistematizou uma visão das profissões e dominou os escritos sobre as profissões e as investigações dos cientistas sociais sobre as profissões. Os estudos destes autores criaram duas metodologias características para a pesquisa sobre as profissões, combinando naturalismo e tipologia.

Em 1964, Geoffrey Millerson, tentou uma nova análise geral das profissões. Millerson reconheceu que as definições baseadas em traços característicos quase sempre refletiam em posições politicamente tendenciosas. Por exemplo, se alguém não gosta de serviço social pode facilmente encontrar traços característicos a fim de excluir esta profissão das categorias de profissões de prestígio. Portanto, o autor sugere evitar este procedimento identificando apenas traços genéricos de profissionalismo, tais como, organização, educação, ética e, assim, permitindo variações internas mais amplas (MILLERSON, 1964).

Outros autores confrontaram esta diversidade empírica mais diretamente. Uma reação anterior emergiu dos teóricos da profissionalização. A diversidade de prováveis profissões surgiu porque o *status* profissional era um estágio final que poucas profissões não tinham ainda atingido. A diversidade desapareceria com o tempo à medida que os grupos fossem adquirindo as marcas de reconhecimento profissional. Portanto, o conceito de profissionalização, então, consumou a combinação do naturalismo com a tipologia, ou seja, a profissionalização era um processo natural, mas, este processo culminava em uma série de tipos (ABBOT, 1988). Em 1964, Wilensky publicou um artigo que demonstrou tal sequência regular nas profissões americanas. A profissionalização, então, tornou-se um fato estabelecido (WILENSKY, 1964).

Assim que a profissionalização tornou-se um conceito estabelecido, o estudo das profissões foi repentinamente redesenhado pelo novo clima político dos anos 1960. Os trabalhos anteriores aos da profissionalização ficaram na esfera funcional característica da sociologia do pós-guerra. Atribuiu-se à organização acadêmica das profissões para a posição de especialistas. A “assimetria da especialização” demandava ao cliente de confiar no profissional e do profissional de respeitar tanto cliente como colegas. Estas relações eram garantidas por várias formas institucionais – associações, licenciamentos, códigos de ética.

Mas os teóricos que rejeitavam as teorias funcionais disputaram a cena. Ao ver monopólio no lugar de controle de relações assimétricas, os novos teóricos mudaram o foco do debate de formas de profissionalização para suas funções. Códigos de ética vieram depois da profissionalização não porque culminaram num crescimento natural, mas porque serviam à função de excluir forasteiros, função que se tornou importante somente depois da comunidade profissional ter sido gerada e consolidada (ABBOT, 1988).

Assim, a nova literatura desmascarou a anterior como ideológica e culminou com a publicação de Magali Larson, em 1977. A obra da autora sugere que as profissões são explicitamente organizações de mercado tentando a dominação organizacional e intelectual de áreas de preocupação social. Seu trabalho tratou de temas e argumentos padrões através do estudo sobre as profissões anglo-americanas. Larson elencou as profissões como organizações dominadas pelo mercado. Ao aceitar a profissionalização como uma coisa a ser explicada, os novos teóricos do poder aceitaram os argumentos por trás do conceito. Argumentos que incluíam não somente a ideia de uma sequência de eventos ou funções, como também sobre os melhores exemplos de profissionalismo, como no direito e na medicina americanos, sobre suas qualidades essenciais e caráter do mundo inter-profissional (LARSON, 1977).

De acordo com Abbot (1988), a divergência entre os funcionalistas e os monopolistas não foi total e também não foi unidimensional. Os dois grupos enfatizavam diferentes consequências do profissionalismo. Alguns autores enfatizavam consequências internas do profissionalismo que afetam a área própria do trabalho profissional, como tratamentos e auditorias. Outros tinham interesses nas consequências do profissionalismo, mais por uma questão de status e poder.

Na encruzilhada dessas duas dicotomias surgiu uma outra abordagem investigando consequências externas mas, em níveis individuais. Tanto Ben-David (1963) como Bledstein (1976), enfatizaram a função do profissionalismo na proteção de certos indivíduos da estrutura rígida de emprego que

emergiu no capitalismo do século dezenove. Além deste argumento de independência, ambos afirmavam que o profissionalismo também promovia condição para mobilidade vertical, definindo implicações do profissionalismo nas suas consequências externas de *status*, dinheiro e poder, mas no plano individual. O profissionalismo seria, então, um problema de escolhas individuais e ação corporativa para protegê-las.

Para Abbot (1988), as profissões são grupos ocupacionais exclusivos que aplicam um conhecimento de alguma forma abstrato em casos singulares. Esta teoria concerne a evolução e inter-relações das profissões, e, mais amplamente, as maneiras como os grupos ocupacionais controlam conhecimento e competência. Essas inter-relações são, de alguma forma, determinadas pela maneira como esses grupos controlam seu conhecimento e competência.

Segundo Abbot há duas maneiras diferentes de conseguir o controle. A primeira enfatiza a técnica por si própria, e as ocupações que usam esta forma são comumente chamadas de artesanais. A segunda forma de controle envolve conhecimento abstrato, porque a competência prática se desenvolve a partir do sistema abstrato de conhecimento e o controle da ocupação se sustenta no controle das abstrações que gera as técnicas práticas. O que importa para Abbot é uma abstração efetiva o suficiente para competir num contexto histórico e social muito particular, e não uma abstração relacionada a algum suposto padrão absoluto. Seu interesse não é nas profissões dominantes, mas, também, nos grupos marginais como o dos *sulanqueiros*. Uma definição muito específica os excluiriam, apesar de eles terem marcado o sistema de profissões.

Durkheim (1992) caracterizou profissionalismo como uma forma de moral comunitária baseada na associação ocupacional e produtora de solidariedade. Já Tawney (1921) afirma que profissionalismo é uma força capaz de sujeitar o individualismo crescente às necessidades da comunidade. Marshal (1950) enfatiza altruísmo ou “serviço” como orientação profissional, como uma prevenção contra ameaças à estabilidade dos processos democráticos. No entender de Parsons (1951), o treinamento profissional deve cultivar o equilíbrio certo entre o interesse próprio e o interesse coletivo o qual sustentado pela interação da comunidade ocupacional é vital para a ordem social.

Na década de 1990, pesquisadores começaram a recuperar os lados tanto positivos como negativos do profissionalismo e ampliar o debate sociológico, compreendendo a caracterização do profissionalismo como projeto de ocupação de uma fatia do mercado. Freidson (1994, 2001) argumenta que profissionalismo é a única forma de controle ocupacional do trabalho e sugere que as virtudes do profissionalismo devam ser reforçadas. Esta retomada não foi centrada na instituição,

pelo contrário, retornou ao tema do profissionalismo como um valor central normativo das primeiras análises (BURRAGE; TORSTENDAHL, 1990; ANNANDALE, 1998).

## **O CASO DOS *SULANQUEIROS* NO SEMIÁRIDO**

A *Feira da Sulanca*<sup>1</sup> teve origem em Santa Cruz do Capibaribe situada na Mesorregião do Agreste pernambucano, região intermediária entre o Litoral/Mata de clima úmido e o Sertão semiárido e, mais especificamente na Microrregião do Alto Capibaribe, por abrigar a nascente do rio Capibaribe. Sendo uma região intermediária, a Mesorregião do Agreste é naturalmente bem diversificada, permeada de brejos de altitude, verdadeiros oásis que permitem a agricultura permanente, em meio a áreas de caatinga onde tradicionalmente se desenvolveu a pecuária extensiva para abastecer a região metropolitana, como observado em Manuel Correia de Andrade (2005).

Geologicamente, a Mesorregião do Agreste está situada no Planalto da Borborema em altitude média entre 400 a 800 metros, também conhecido como Serra das Ruças, região montanhosa no interior do Nordeste brasileiro e se estende pelos estados da Paraíba, Pernambuco, Rio Grande do Norte e Alagoas (IBGE, 2011). O município de Santa Cruz do Capibaribe dista de 180 km da capital do estado, Recife, e faz parte de um território tradicionalmente denominado de *Cariris Velhos*, com baixa densidade pluviométrica e solos rasos (BURNETT, 2013b).

O fenômeno produtivo/comercial denominado *Feira da Sulanca* emergiu durante as décadas de 1950 e 1960, a partir do aproveitamento dos retalhos provenientes da indústria têxtil do Recife num primeiro movimento, e dos retalhos vindos dos rejeitos da indústria têxtil vindos de São Paulo, num segundo movimento, os quais se adicionaram aos usados *a priori*. Esses retalhos serviam de matéria-prima para as costureiras dos sítios, as quais produziam peças de roupas e cobertas emendando os retalhos para serem vendidas nas feiras livres, servindo como complementação da renda do sítio.

A mão de obra era a familiar, a unidade produtiva o domicílio e a produção doméstica e artesanal. Essa unidade produtiva passou para a zona urbana seguindo as exigências tecnológicas da linha de produção, uma vez que os retalhos vindos do Sul demandavam maior tecnologia dos meios de produção e se tornou semi-industrial. Esse fenômeno se expandiu formando uma rede nacional de

---

<sup>1</sup> O vocábulo *Sulanca* supostamente originou-se das palavras *helanca*, referindo-se aos *retalhos* de tecido sintético usado nos anos 1960, os quais vinham do *Sul*. Portanto, *sul+helanca = sulanca*.

parentesco e amizade de arranjos produtivos e comerciais diferenciados e hoje é denominado de Polo de Confeccões do Agreste de Pernambuco (BURNETT, 2013a).

## O CIRCUITO DAS FEIRAS

A feira livre nordestina se dá num circuito itinerante numa micro região. Por exemplo: a feira tradicional de Santa Cruz acontece às segundas-feiras, a de Jataúba na sexta-feira, já a de Caruaru, que foi a pioneira e é a maior, tem lugar no sábado. Dessa forma, o feirante terá diversas oportunidades de oferecer seu produto na mesma semana com pouco deslocamento, ou seja, numa distância curta, dentro da mesma região. Caruaru, como é uma cidade maior, além da feira central aos sábados, tem também as dos bairros: no domingo no bairro de São Francisco, na segunda-feira no bairro do Salgado e assim por diante. Alguns feirantes ficam somente nesse circuito municipal. Estas são as características de base da feira nordestina: improvisada, temporária e itinerante.

O que os *sulanqueiros* fizeram foi extrapolar esse circuito micro regional e ampliar sua área de atuação. Por exemplo: numa semana o *sulanqueiro* se deslocava para a região de Feira de Santana, na Bahia e fazia o circuito daquela região. Na outra semana ele se deslocava até a região de Barreiras, também na Bahia, e fazia as feiras da semana naquela área. Então, eles voltavam para Santa Cruz, pagavam as costureiras, se reabasteciam e saíam em busca de outro circuito de feiras.

Devemos ressaltar que atualmente o termo *sulanqueiro* se refere a qualquer pessoa, a qual tenha uma atividade qualquer ligada à fabricação e comércio de *sulanca*, ou seja, que atue no universo múltiplo e diversificado no qual se tornou a *sulanca*. Como da mesma forma, devemos ressaltar que a categoria *retalheiro* não é usada e nem reconhecida no meio da *sulanca*. Esta categoria foi criada a partir das pesquisas dos estudiosos em migrações nordestinas em São Paulo, os quais detectaram esta categoria no contexto de industrialização e urbanização daquela cidade nas décadas de 1950 e 1960 (BURNETT, 2014).

## METODOLOGIA

Como metodologia, recorreremos a estratégias de pesquisa baseadas centralmente na história oral de vida dos agentes sociais que compõem este complexo comercial/produtivo. A partir do relato oral (depoimentos e entrevistas individuais livres), foi possível chegar aos valores inerentes aos sistemas sociais em que vivem esses atores sociais. Aspectos importantes da comunidade, comportamentos, valores e costumes, podem ser detectados através da história de cada protagonista.

De acordo com Bom Meihy (2005), a história oral é um recurso moderno usado na elaboração de documentos referentes à experiência social de pessoas e de grupos. A história oral de vida corresponde à narrativa do conjunto da experiência de vida de uma pessoa. As histórias de vida têm sido usadas com a intenção de entender a sociedade nos seus aspectos íntimos e pessoais. A história oral como metodologia de trabalho científico tem sido usada na academia brasileira como herança da tradição anglo-saxã. Paul Thompson (2000), sociólogo e historiador social britânico, utiliza esta reflexão como método para sua pesquisa científica - o *sujeito social*, o colaborador, tem mais liberdade para narrar sua experiência pessoal. As perguntas servem simplesmente como indicativo, colocadas de forma ampla dando maior liberdade ao *sujeito* para dissertar. Para conduzir as entrevistas das histórias orais de vida dos protagonistas da *sulanca*, utilizamos uma espécie de “linha do tempo” possibilitando aos entrevistados “mergulhar” nas histórias de vida dos seus ancestrais do sítio, na *experiência* herdada e narrar o envolvimento com as atividades da *sulanca*.

A realização de entrevistas livres, gravadas e transcritas, com os protagonistas da *Feira da Sulanca* foram ferramentas fundamentais para esclarecer vários pontos da história desses atores sociais. Ao todo realizamos trinta entrevistas, principalmente com os pioneiros *da sulanca* e a geração dos filhos que deram continuação ao negócio da *sulanca*. As entrevistas foram realizadas em Santa Cruz do Capibaribe no ano de 2013.

## **FONTE ORAL**

### ***Eu encomendava às costureira e vendia na Bahia***

*Eu nasci em 1967 aqui e daqui meu pai foi andando e a gente foi acompanhando. Ele era corajoso e ainda levou dois irmão e um primo pra essas viagem dele, pra onde a gente ia, ele ia com a família inteira, meus tio, minhas tia. A gente já voltou em 82 praqui. A sulanca já tava bombando. Aí, começou, “aí eu vou pra São Paulo agora comprar tecido pra vender”. Só que foi de sociedade, a sociedade se desfez. “Vamo começar uma confecção”. Aí a gente passou a confeccionar. E durante uns seis anos, a gente foi confeccionando e confeccionando, aí eu me casei e passei a confeccionar só. Passei um certo tempo confeccionando, só que eu achei que vender em outras cidades, comprando aqui em Santa Cruz e vendendo em outras cidade, me daria bem. Aí eu passei uns dez anos, comprava aqui e vendia em outras cidades, na Bahia, vendia em Irecê,*

*vendia em Ibotirama, vendia em Barreiras. Eu encomendava às costureira. Eu dizia: “eu quero tantas blusas, elas fazia blusas ou tantas bermudas, elas fazia bermudas”. E eu pegava com elas e vendia na Bahia. Elas costuravam com o material delas e eu vendia e pagava quando voltava. Eu ia de ônibus pra Ibotirama, que é mil e seiscentos quilômetros, oeste da Bahia, terra da soja, algodão, milho, antes era feijão. Aí eu ia nas feira de Ibotirama, na feira de Javi, que é uma vila, em Barreiras, ia em Luis Eduardo, que quando começou o nome era Mimoso, depois passou a ser Luis Eduardo. Aí no começo vendeu bem, o povo conhecia, mas não tinha aquele acesso de vim praqui. Hoje toda semana tem excursão, todos vêm comprar na fonte. Só que aí eu vi que o negócio não tava dando muito bem. Eles acharam por bem vir comprar aqui, aí minha venda caiu.*

O entrevistado pertence à categoria de *sulanqueiro* na acepção de origem e fazia o circuito das feiras do sertão baiano. Atualmente os compradores baianos organizam excursões semanais para vir “fazer a feira” na fonte. A filha e o genro trabalham no ramo de confecções dentro da rede de “conhecimento” que atingiu o Norte do Brasil.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Verificamos que o produto *sulanca* a princípio se nutriu dos resíduos nos “bastidores” da indústria têxtil do Recife e de São Paulo nas décadas de 1950 a 1970, no cenário da “revolução industrial” brasileira do pós-guerra. As relações comerciais na origem eram feitas na base da confiança e do escambo. O mercado para o produto *sulanca* foi expandido a partir dos *sulanqueiros* que viajavam para fazer as feiras em outros estados do Norte e Nordeste. Esse movimento dos *sulanqueiros* fez com que o produto *sulanca* se tornasse conhecido pelos rincões mais remotos do Norte e Nordeste, atraindo clientes e pessoas de fora interessadas em participar da economia da *sulanca*. A emergência da categoria profissional dos *sulanqueiros* foi uma “invenção” dos agentes sociais do Agreste porque não teve precedentes em termos de organização e normas profissionais codificadas e pré-estabelecidas, por conseguinte, uma contribuição à sociologia da construção dos grupos profissionais.

## **REFERÊNCIAS**

ABBOT, Andrew. **The System of Professions: An essay on Division of Expert Labor**. Chicago: the University of Chicago Press, 1988.

- ANNANDALE, E. **The sociology of Health and Medicine**. Cambridge: Polity Press, 1998.
- ANDRADE, Manuel Correia de. **A terra e o homem no Nordeste – Contribuição ao estudo da questão agrária no Nordeste**. São Paulo: Cortez, 2005.
- BEN-DAVID, Joseph. **Professions in the Class system of Present Day Societies**. *Current Sociology*, (12):247-98, 1963.
- BLEDSTEIN, Burton J. **The Culture of Professionalism**. New York: Norton, 1976.
- BURNETT, A. O Debate sobre Dependência, Marginalidade e Informalidade: Para Uma Perspectiva de Abordagem do Fenômeno *Sulanca*. **Em Debate: Rev. Dig.**, Florianópolis, n.9, p. 140-161, jan-jun, 2013a.
- BURNETT, A. A “saga” dos *retalheiros*: um estudo sobre a instituição da *Feira da Sulanca* no Agreste pernambucano no século XXI, **Revista de Ciências Sociais**, v. 3, nº 2, p. 09-4º, jul/dez. 2013b.
- BURNETT, A. O “Ponto de Mutação” da Sulanca no Agreste de Pernambuco. **Revista História Oral**, v. 7 n. 2, 2014.
- BURRAGE, M. & TORSTENDAHL, R. **Profession in Theory and History: Rethinking the Study of the Professions**. London: Sage, 1990.
- CARR-SAUNDERS, A. P. & WILSON, P.A. **The Professions**. Oxford: Oxford University Press, 1933.
- DURKHEIM, E. **Professional Ethics and Civic Morals**. London: Routledge, 1992.
- FREIDSON, E. **Professionalism Reborn: Theory, Prophecy and Policy**. Cambridge: Polity Press, 1994.
- FREIDSON, E. **Professionalism: The third logic**. London: Polity, 2001.
- LARSON, Magali S. **The Rise of Professionalism**. Berkeley: University of California Press, 1977.
- MARSHAL, T. H. **Citizenship and Social Class and other Essays**. Cambridge University Press, 1950.
- MARX, Karl. **Le Capital – Critique de L’Économie Politique, Livre Premier, Le Développement de La production Capitaliste, Tome Premier: La Marchandise et La Monnaie; Tome deuxième: La Production de La Plus-Value Relative, Nouvelle Recherches Sur La Production de La Plus-Value et Tome troisième: L’Accumulation Du Capital, L’Accumulation Primitive, Le Procès d’ensemble de la Production Capitaliste**. Traduction de Joseph Roy et entièrement révisée par l’auteur. Éditions Sociales: Paris, 1950.
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de História Oral**. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

MILLERSON, Geoffrey. **The Qualifying Associations**. London: Routledge, 1964.

PARSONS, T. **The Social System**. New York: The Free Press, 1951.

TAWNEY, R. H. **The Acquisitive Society**. New York: Harcourt Bruce, 1921.

THOMPSON, Paul. **The voice of the past: oral history**. New York: Oxford University Press, 2000.

VOLTI, Rudi. **Sociology of Work and Occupations**. Los Angeles: Pine Forge Press, 2008.

WILENSKY, Harold L. The Professionalization of Everyone. **American Journal of Sociology**, 70 (2):137-58, 1964.

### **Fonte Oral**

EUDO, José. **Eu encomendava às costureiras e vendia na Bahia**. Entrevistador: Annahid Burnett. Santa Cruz do Capibaribe, 10 julho 2013.